

Filosofia Unisinos
Unisinos Journal of Philosophy
26(2): 1-7, 2025 | e26213

Editores responsáveis:
Inácio Helfer
Leonardo Marques Kussler
Luís Miguel Rechiki Meirelles

Declaração de Disponibilidade de Dados:
Todo o conjunto de dados que dá suporte
aos resultados deste estudo foi publicado
no próprio artigo.

Doi: 10.4013/fsu.2025.262.13

Resenha

Resenha crítica de “Negritude sem identidade: sobre as narrativas singulares das pessoas negras”. São Paulo: Editora N-1, 2023.

Critical view of “Negritude sem identidade: sobre as narrativas
singulares das pessoas negras”. São Paulo: Editora N-1, 2023.

Marcos Silva

<https://orcid.org/0000-0003-1552-2525>

Pesquisador 1D do CNPq. Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil. E-mail: marcosilvarj@gmail.com

RESUMO

Embora *Negritude sem Identidade*, de Érico Andrade, apresente uma crítica instigante à modernidade e uma valorização da singularidade da experiência negra, a obra levanta sérias questões teóricas e políticas. O uso ambíguo e indefinido do conceito de “identidade” compromete a clareza argumentativa, especialmente quando Andrade propõe a renúncia à identidade como estratégia de resistência. Tal proposta ignora o papel central que a identidade desempenha na coesão política, jurídica e histórica de grupos minorizados. Ao abrir mão desse conceito por falta de fundamento ontológico, corre-se o risco de desarmar pragmaticamente tais grupos na luta por direitos, reconhecimento e proteção legal. Além disso, a obra negligencia a inter-relação entre racismo e especismo, ignorando como ambos compartilham a mesma lógica excludente da modernidade. A crítica de Andrade ao racismo moderno não se estende ao seu antropocentrismo, reforçando, mesmo que involuntariamente, um paradigma que desqualifica outros seres com base em critérios arbitrários de racionalidade. Por fim, ao enfatizar o cor-



po e a performatividade como núcleo da experiência negra, o autor pode incorrer no mesmo erro que critica: o achatamento da singularidade, reproduzindo estereótipos que associam a negritude exclusivamente à corporeidade, em detrimento da diversidade intelectual e existencial de pessoas negras.

Palavras-chaves: identitarismo, modernidade, especismo, antiracismo, pragmatismo.

ABSTRACT

Although *Negritude Without Identity*, by Érico Andrade, presents a thought-provoking critique of modernity and emphasizes the singularity of Black experience, the work raises serious theoretical and political concerns. The ambiguous and undefined use of the concept of "identity" undermines argumentative clarity, especially when Andrade proposes the renunciation of identity as a strategy of resistance. Such a proposal overlooks the central role identity plays in the political, legal, and historical cohesion of marginalized groups. By abandoning the concept due to its lack of ontological grounding, there is a risk of pragmatically disarming these groups in their struggle for rights, recognition, and legal protection. Furthermore, the work neglects the interrelation between racism and speciesism, failing to recognize how both stem from the same exclusionary logic of modernity. Andrade's critique of modern racism does not extend to its anthropocentrism, inadvertently reinforcing a paradigm that disqualifies other beings based on arbitrary criteria of rationality. Finally, by emphasizing the body and performativity as the core of Black experience, the author risks reproducing the very error he critiques: flattening singularity and reinforcing stereotypes that associate Blackness exclusively with corporeality, at the expense of the intellectual and existential diversity of Black individuals.

Keywords: identity politics, modernity, speciesism, antiracism, pragmatism.

O Livro "Negritude sem Identidade", de Érico Andrade, é poderoso, original e necessário¹. Nele, Andrade discute uma bibliografia sempre atualizada e incontornável para a educação antirracista de qualquer um, inclusive de brancos. Esse esforço panorâmico para entender os fenômenos que constituem diferentes esferas do racismo individual, institucional e estrutural incide especialmente sobre uma importante e corajosa releitura crítica de clássicos da filosofia moderna.

A obra é dividida em três partes principais, precedidas por uma introdução e um relato pessoal do autor sobre o processo longo e tortuoso de se reconhecer como negro, não apesar de pardo, mas porque pardo. O primeiro capítulo, intitulado "Raça e Modernidade: a criação do negro na filosofia", dedica-se a investigar a invenção da negritude pela modernidade filosófica europeia. Aqui Andrade defende que a modernidade é um projeto de supremacia branca contra um corpo tribal e coletivo. Além disso, é argumentado que o racismo e o colonialismo, somados ao genocídio de populações autóctones, constituem o que é chamado de modernidade transatlântica. Em "O fantasma do racismo na constituição das experiências subjetivas da negritude: sofrimento, resistência e alegria", segundo capítulo da obra, Andrade trata das várias formas de vulnerabilizar e preterir o negro, especialmente o corpo negro. O autor defende que o corpo negro é um lugar de fala com estatuto epistêmico e fenomenológico próprio, em que a resistência e a insubmissão seriam os modos próprios de sua existência. No terceiro capítulo, chamado de "Do pardo ao preto: por uma subjetividade reenegrecida e singulari-

¹ Gostaria de agradecer à leitura atenta, sugestões e críticas feitas por dois pareceristas anônimos e também feitas por Pedro Pennycook a uma versão anterior do presente texto.

zada", Andrade avança em uma espécie de fenomenologia do pardo, mostrando os limites difíceis e a falta de reconhecimento por brancos e por pretos. O autor destaca a maneira como se pode dissolver o pardo no negro pela identificação das estratégias da branquitude e defende sua tese a respeito da negritude sem identidade, fechando o arco argumentativo do livro.

Ao longo da leitura, nós aprendemos com Andrade que os horrores do colonialismo são continuidades naturais do projeto filosófico da modernidade europeia. A Filosofia Moderna é perigosa. Trata-se, muitas vezes, da justificação intelectual e cultural de um projeto da modernidade racista, misógino e supremacista. A maior calamidade que a humanidade já produziu é o colonialismo. E isto foi motivado pelo racismo da filosofia moderna. O eurocentrismo pavimentou, segundo Andrade, a base filosófica do extermínio e massacre de povos originários e o repugnante tráfico humano por supostos povos civilizados. Destaco também a original discussão sobre a fenomenologia do pardo ao longo da obra de Andrade.

O autor desenvolve, em consonância com seus trabalhos anteriores, uma crítica racial do sujeito da modernidade a partir de seus grandes filósofos. As expressões literais de racismo de grandes cânones da Modernidade que pavimentaram tanta dor é chocante. A anterior admiração pelos feitos intelectuais é mesclada com asco pelas consequências destes mesmos feitos. Algumas citações diretas de autores-heróis da modernidade que pertencem a uma espécie de panteão intocável da filosofia ocidental são de fato abomináveis para um leitor contemporâneo. A partir do trabalho de Andrade, o leitor consegue observar como a filosofia acadêmica também pode ser um braço ideológico do supremacismo europeu e do eurocentrismo quando se cala para a possível articulação entre a filosofia moderna e o racismo. Em um exemplo notável, Andrade mostra que a construção do racismo e da categoria de raça na filosofia alemã tem uma longa história e diferentes matizes.

Apesar do livro ser iluminador, acredito que um ponto importante é negligenciado pela obra de Andrade. A modernidade filosófica europeia legitima racismo, mas também especismo. Se o fundamento do racismo moderno surge da identidade, então ele compartilha da mesma gênese que o especismo. A liberdade justificada de colonizar quem não tem razão parece ter a mesma base filosófica da liberdade de explorar e matar aqueles que não reconhecemos como gente: animais não humanos, por exemplo. Pior para eles. Não me parece ser um acidente filosófico que a categoria de humanidade que é atribuída somente a um Eu branco e negada a todo e qualquer Outro que seja distinto articula tanto o racismo como o especismo. A negação da racionalidade a negros não é distante da negação de dignidade para animais não humanos. Ambos não teriam alma, razão. Não se libertam negros da desqualificação sistemática sem libertar animais não humanos desse mesmo modelo opressor. Afinal, a supremacia branca também é uma forma de supremacia antropocêntrica. A liberdade de oprimir, colonizar e matar parece advir de uma mesma visão supremacista que coloca o ser humano - na figura do homem branco europeu - convenientemente no centro do que deve ter dignidade e direitos. Os que estão dentro da esfera da humanidade e razão são, com frequência, os que detêm o poder, e os que estão fora, podem, portanto, ser sistemática e cruelmente explorados. Voltaremos a esta questão abaixo.

Outro ponto digno de nota: no primeiro capítulo, não está metodologicamente evidente para o leitor porque Andrade usará ferramentas conceituais da fenomenologia para avançar a questão do racismo e a discussão sobre singularidade, se poucos trabalhos de fenomenologia são discutidos ali. Pela quantidade de menções a autores marxistas no primeiro capítulo, por exemplo, parecia que o próximo passo escolhido seria usar a literatura marxista e o materialismo dialético para tecer críticas ao racismo. Assim, acredito que há uma espécie de incoerência metodológica. O leitor pode se perguntar com razão: por que Andrade se remete à fenomenologia agora depois de um primeiro capítulo sem fenomenologia e com tantos autores marxistas, como Franz Fanon, Clóvis Moura, Florestan Fernandes e Domenico Losurdo?

Nas discussões interessantes acerca do pensamento circular e do simbolismo da roda que Andrade reivindica para negros da diáspora africana, acredito que o alcance poderia ser bem maior. As tradições

filosóficas do Sul da Ásia, como a do yoga e do budismo, possuem a figura circular dos *chakras*. Devemos lembrar, por exemplo, que a Índia é um país, com 1,5 bilhão de pessoas de pele escura, também ex-colônia de uma potência (filosófica) europeia. Há mais pessoas de pele escura na Índia que na África inteira hoje em dia. Algumas vezes parece que Andrade está reivindicando apenas negros da diáspora africana para sua crítica da modernidade. Contudo, há muito mais vítimas do colonialismo e racismo pavimentado pela filosofia moderna europeia.

Agora me concentrarei em duas críticas: primeiro, a viabilidade prática e teórica de renunciar à noção de identidade como defendida por Andrade, e, em seguida, destaco que a crítica de Andrade da modernidade pode mostrar que ele ainda não se desvencilhou da gramática própria da modernidade. Andrade critica o racismo da modernidade, mas não o seu antropocentrismo. As críticas supremacistas a negros podem guardar uma relação direta com o especismo ignorada por Andrade. Além disso, como defenderei no final, é possível que Andrade também “sequestre a singularidade” do negro pela sua hiper-ênfase na centralidade do corpo e do protagonismo do movimento na experiência de ser negro.

Primeiramente, tive dificuldade em entender o que significa “identitário” na obra de Andrade por falta de uma definição logo no início da obra. O termo parece ser usado de maneira flutuante. Isso é problemático porque é um conceito central para seu livro ao funcionar como base para sua crítica da identidade moderna. Em Descartes e em seus interlocutores modernos, a discussão sobre identidade não parece ter a acepção majoritariamente política que tem hoje em dia. Andrade parece introduzir a discussão sobre identidade com essa acepção política, mas não sei se isso é evidente para os autores modernos utilizados ou se seria um anacronismo. Na modernidade, a discussão de muitos dos filósofos tratados por Andrade parece ser mais metafísica e ontológica. Acredito que essa passagem do ontológico para o político seja importante para o texto de Andrade, mas é feita de maneira pouco refletida para o leitor.

Nesse contexto, parece haver uma identificação entre identidade e branquitude, mas que deveria ser mais bem desenvolvida, acredito. Por que identidade seria uma característica própria de uma cultura branca? Não ter identidade branca é não ter identidade nenhuma? É possível ter identidade sem ser a branca ou a partir da branca? Por que renunciar à categoria de identidade por completo? Por que a negritude deveria ser sem identidade? Por que não pode haver formas de identidade que não se comprometam necessariamente com visões essencialistas e imutabilistas?

Andrade afirma, por exemplo: “Meu ponto é que para viver a experiência da negritude, a identidade não apenas não é necessária como deve ser na verdade evitada sem prejuízo de nossa percepção de que compomos uma experiência possível de ser negro.” (p. 87). A meu ver, esse ponto é difícil de ser defendido e eventualmente usado para um diálogo com militantes em movimentos negros, por exemplo. A afirmação da identidade é central para a resistência de pessoas oprimidas, e acredito ser um aspecto estético, pragmático e moral importante para movimentos negros. Não vejo razões teóricas nem práticas para movimentos negros prescindirem de sua identidade, duramente conquistada, em função de algum argumento filosófico mais abstrato e antiliberal.

Não sei até que ponto prescindir do conceito de identidade negra é politicamente possível ou mesmo salutar para o movimento de resistência antirracista, por exemplo. Tenho sérias dúvidas se não seria, ao contrário, danoso estrategicamente e politicamente para o movimento negro não se articular através de um sentido de identidade que dá coesão a suas lutas e resistência históricas. A argumentação de Andrade sobre a importância da abolição da identidade me parece um *non sequitur*. Renunciar a interpretações equivocadas da identidade não precisa significar renunciar à identidade *tout court*. Acredito que podemos aceitar muito do que Andrade critica em relação à ontologia e a um paradigma de referencialidade sem ter que renunciar à noção de identidade. Mesmo que seja filosoficamente plausível prescindir de identidade, seria estrategicamente desejável para o movimento negro abrir mão desta característica fundamental de suas lutas? Qual é a pessoa explorada e oprimida que poderia de fato

prescindir de sua identidade em sua resistência política e luta por sobrevivência em cada dia? Isto é factível? É de fato desejável? Qual grupo será beneficiado caso o movimento negro, por exemplo, abra mão de sua identidade por ser supostamente um conceito da branquitude? Alguém muito vulnerável não ficaria ainda mais vulnerável caso abra mão de sua identidade em sua resistência como negro? Por que identidade tem que ser um conceito ontológico que nos compromete com a imutabilidade de alguma essência e não poderia ser tomada como um conceito pragmático e, portanto, mutável, para a importante resistência, por exemplo, de grupos oprimidos? O argumento fenomenológico e existencialista de Andrade, sobre a singularidade irreduzível da experiência de ser negro, contra o conceito de identidade pode redundar no exato oposto do que o autor deseja, isto é, na desarticulação política e estratégica de grupos minorizados para resistir à opressão sistêmica. Se grupos, que já são historicamente vulneráveis, abrirem, de fato, mão de sua identidade, como Andrade defende, eles podem se tornar ainda mais vulneráveis para resistir e se opor a inúmeras violências que sofrem diariamente. Andrade temerariamente, em seu argumento fenomenológico contra o conceito de identidade, parece negligenciar o quão importante é a identidade para as conquistas jurídico-políticas de direitos, cidadania e reconhecimento de grupos minorizados. A tese de Andrade parece apontar para um erro político e filosófico importante. Mesmo que a experiência da identidade seja singular ou irreduzível e mesmo que seja independente de alguma base ontológica, grupos minorizados não deveriam estratégica e pragmaticamente abrir mão de sua identidade sob pena de perderem coesão política e, em muitos casos, jurídica também, para a sua luta e resistência. É estratégico e politicamente crucial que grupos minorizados não abdicuem de suas identidades. A ênfase fenomenológica nas vivências singulares, embora relevante em certos contextos, revela-se uma estratégia pouco promissora para grupos minorizados que dependem de coesão política para sustentar sua luta coletiva. Ao privilegiar a experiência individual, essa abordagem fenomenológica pode enfraquecer fundamentos jurídicos relevantes à resistência e à reivindicação de direitos, comprometendo a eficácia das mobilizações sociais. Grupos socialmente marginalizados não precisam abrir mão do conceito de identidade em sua resistência contra a injustiça e a violência sistêmica, mesmo que a identidade não possua um correspondente ontológico na realidade. Com efeito, a rejeição do essencialismo não precisa redundar na rejeição do conceito de identidade. A identidade, especialmente, em grupos marginalizados têm grande valor pragmático e estratégico.

O segundo ponto de crítica ao livro de Andrade trata do não reconhecimento do especismo próprio da modernidade. A relação entre especismo e racismo não precisa ser tomada como algo marginal na crítica à modernidade. Andrade, por exemplo, escreve: "Afinal, no primeiro capítulo mostrei como a associação do negro ao animal foi a regra de conduta da branquitude para se impor como superior e padrão humanitário." (p. 45). Essa visão de animais é antropocêntrica, ao meu ver, porque, dentre outras coisas, expressa uma perspectiva especista do que é ser animal. Isso ainda é moderno. Andrade critica a modernidade, mas não rompe com a gramática antropocêntrica e especista da modernidade. O livro é progressista quanto à raça, mas ainda conserva a lógica supremacista moderna em relação ao seu especismo. Andrade conclui, por exemplo: "Assim, os colonizadores viam nos gestos a motricidade de um corpo mecânico, uma simples engrenagem no sistema de produção colonial de riqueza. Para eles, a negritude se reduzia a gestos autômatos de pessoas animalizadas e, portanto, coisificadas." (p. 41). Há algo de perturbadoramente especista nessa afirmação. Ser animal é ser deficitário, menor? Ser animal é ser coisa? Acredito que Andrade negligencia o fato de que o projeto de supremacia europeia não é apenas um projeto racista; é notadamente especista também. Estes projetos não são independentes. Eles se reforçam mutuamente na lógica de segregação e exploração do que não pode ser tomado como digno de direitos.

Andrade tece uma crítica fundamental à lógica da modernidade, mas não abandona esta lógica ao parecer ainda endossar, subrepticamente, que um corpo sem alma é um corpo animal. Se animais não humanos têm alma, por que a alma deveria ser atribuída a vários seres humanos? Nós duvidamos de

que pessoas que sofreram acidentes graves com consequências cognitivas sérias ou crianças na fase pré-linguística não teriam alma? Por quê? A resposta, ainda moderna, parece ser: "porque são seres humanos, afinal. E não apenas animais". Quem deve ser considerado digno e portador de direitos? Quem pode ser gente? Quem pode ser tratado como pessoa? Com dignidade? Só seres humanos? Quais? E se uma pessoa sofrer um acidente que dificulte atividades cognitivas? E se nascer neurodivergente? E se perder a linguagem ou não desenvolvê-la? Esta pessoa será ainda tratada com dignidade simplesmente por ser da espécie humana? Será respeitada única e exclusivamente por pertencer *a priori* a um grupo que dita quem deve ser e quem não deve ser digno de respeito e cuidado? Este grupo que oprime e o grupo que julga quem é digno de respeito é com frequência o mesmo.

Acredito que o ponto de Andrade não deveria ser fazer negros caberem no ideal moderno, na gramática do que é racional, mas de abandonar o ideal moderno de um dentro e de um fora, ao entender que a modernidade instaura um ideal segregador e violento. Afinal, é possível haver negros oprimindo outras pessoas assim que assumem algum cargo de poder. O passo para fora da modernidade não seria colocar mais seres dentro da sua racionalidade, fazê-la, por assim dizer, mais inclusiva, mas vencer o próprio paradigma da racionalidade que se pretende universal e que é violentamente excludente com o que não parece com ela. É a própria pretensão de universalidade da racionalidade moderna que a faz excludente. Um princípio filosófico que parece abstrato e universal pode enfim ser excludente e mais: violentamente excludente.

É como se Andrade vislumbrasse um caminho de superação do racismo da modernidade, mas não do seu especismo. A relação entre racismo, especismo e modernidade parece ser perdida. Há uma ligação profunda entre a imputação de besta pelo homem branco europeu a negros e o tratamento que damos a animais não humanos. O que é ser uma besta afinal? Besta é sempre o outro? Temos que conter nossos impulsos bestiais? Por que ser animal, besta, é ser inferior? Às vezes, se tenta colocar o negro dentro da linha de evolução e desenvolvimento moderno. Nesta visão supremacista, há animais não humanos, primitivos e selvagens. Há seres humanos primitivos e selvagens; muito próximos dos animais não humanos. E há, enfim, seres humanos civilizados, longe da primitividade e selvageria dos tais animais e de outros humanos primitivos e selvagens. Aqueles teriam, por consequência, uma espécie de licença moral e espiritual para explorar estes. O que deveria se fazer, a meu ver, é acabar com essa linha. Superar o supremacismo branco não significaria, então, superar o supremacismo antropocêntrico também? Os dois causam muito sofrimento inútil e me parecem ter a mesma raiz. Alargar o supremacismo antropocêntrico para caber negros e indígenas, por exemplo, é negligenciar que o supremacismo faz muito mais vítimas que as humanas. Ele impacta diretamente muitos outros seres que não têm e não podem ter voz para se defender e também pagam, com suas vidas, esta inadequação à racionalidade universal, mas excludente.

É problemático não ver que racismo e especismo são duas consequências da modernidade. Eles caminham juntos, não são independentes. Não me parece ser acidental chamar negros de animais para desqualificá-los. Por que chamar algo de animal é por si só desqualificá-lo? Por que besta é um xingamento? É basicamente o mesmo argumento que se apresenta para o racismo: expulsar outros seres de um âmbito idealizado de racionalidade que só beneficia quem o criou. O paradigma moderno de racionalidade é excludente não só com o que não é europeu, mas com o que não é humano. Isso justifica atrocidades com povos e com animais não humanos que acontecem até hoje, diariamente. Animais não humanos são inferiores e não são dignos de respeito? Animais, que sentem fome, sede, medo e alegria, podem ser explorados? Mutilação sem anestesia, morte prematura, confinamento extremo: 70 bilhões de animais são mortos para alimentação de seres humanos anualmente. Esses animais são privados de liberdade e de vida por serem tomados como inferiores e não-rationais.

O paradigma da racionalidade moderna não é só europeu e branco. É antropocêntrico no sentido de ser não-animal e pretensamente superior ao animal. Esse raciocínio parece justificar que os modernos chamem animais de autômatos também e neguem a eles dignidade e direito à vida, condenando-os a um destino repleto de abusos, crueldade e perversidade.

Os animais são os pretos da natureza. Dentro da esfera da racionalidade há os brancos e fora estão os pretos. Dentro estão os seres humanos e fora estão os animais: as bestas. É o mesmo raciocínio supremacista, provocando muito sofrimento a quem não pode se defender e não tem voz, mas tem consciência, afetos e personalidade, e que deveriam ser respeitados e não explorados e brutalmente mortos. Em outras palavras, os povos africanos, assim como os animais, não planejam suas vidas para além do crepúsculo do dia? Essa é uma concepção muito grosseira de povos africanos como defende Andrade, mas também de animais. A modernidade, e isso ainda aparece em críticas de Andrade à modernidade, tem um entendimento muito errôneo do que é ser animal. Animais possuem organizações e capacidades cognitivas muito sofisticadas independentes de serem análogas ou não, contínuas ou não a de animais humanos.

Para finalizar, reconheço que a discussão sobre singularidade da experiência do ser negro é um ponto muito importante e original no novo livro de Andrade. O autor faz uma crítica hábil ao que chama de "achatamento da singularidade do negro" ou "sequestro da singularidade do ser negro" como espólio da modernidade. Contudo, me parece que Andrade ainda opera na lógica dualista da modernidade ao hiper-enfatizar o corpo e o movimento na experiência do negro, na centralidade e protagonismo, ao longo do seu livro, das imagens dinâmicas e circulares da capoeira, frevo, ciranda etc. Ao resistir ao racismo, acredito que Andrade critica a modernidade, mas não rompe com a sua gramática. A narrativa articulada por Andrade parece fazer justamente o que estava criticando, a saber, achatá-la a singularidade do negro também, mas na experiência do corpo, mesmo sendo um corpo dotado de linguagem e significado. Devo dizer que esta proposta feita por Andrade, e defendida em muitos momentos de seu livro, de uma redenção do negro no corpo e pelo corpo me incomoda tanto quanto a associação comum, feita na grande mídia, da negritude, quase exclusivamente, com a música popular, à dança e ao futebol. Isto parece esvaziar a possibilidade de negros intelectuais, cientistas, matemáticos, poetas e filósofos, só para me ater a alguns exemplos, de serem negros, porque eventualmente não gingam capoeira, não dançam ciranda, não possuem habilidades motoras excelentes ou não desempenham papéis ligados direta ou indiretamente ao corpo. Um matemático negro seria menos negro se não dançar ciranda? Um filósofo negro seria menos negro se não tiver ginga? Às vezes, fiquei com a impressão que os argumentos de Andrade reafirmam, subrepticiamente, estereótipos da figura do negro associada à dança e ao corpo antes do que a atividades intelectuais.

Vale notar que mesmo em grupos pré-coloniais e ancestrais é comum se achar relatos de negros que faziam experimentos com misturas de ervas, estudavam os efeitos de raízes em doenças, tinham interesses em proporções de áreas e metodologia de construção de abrigos, mensuravam materiais diversos pra construir um barco ou uma casa, investigavam o comportamento de outras pessoas, tentavam antecipar fenômenos tão naturais quanto obscuros como a morte e o nascimento, e procuravam entender de maneira mais detida regularidades de seus corpos e de sua mente em relação a regularidades da natureza. O que tudo isto tem a ver com a hiper-ênfase dada ao corpo na experiência do negro defendida por Andrade? Esta super-ênfase no corpo não cometeria um erro correlato ao do sequestro da singularidade do ser negro, apontado por Andrade, na filosofia moderna? A imagem do negro concentrada no corpo e na ciranda não achataria também a singularidade da experiência do ser negro tanto quanto a ênfase exagerada na experiência intelectual na racionalidade moderna? Um intelectual negro que não dança ciranda, não joga capoeira e não tem ginga não é negro? E eu não sou um negro?

Referências

ANDRADE, É. 2023. *Negritude sem identidade: sobre as narrativas singulares das pessoas negras*. Editora N-1, São Paulo, 172 p.

Submetido em 27 de setembro de 2024.

Aceito em 25 de fevereiro de 2025.